

PROBLEMAS DE AÇÃO COLETIVA: COOPERAÇÃO E DESERÇÃO

Valdir Melo

Técnico de Planejamento e Pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia (Diest) do Ipea.

Em certos tipos de interações humanas, existe a dimensão estratégica: ao escolher suas ações, as pessoas consideram, sob determinadas perspectivas, as ações que esperam das outras; e assim se influenciam mutuamente. O problema que geram, para os que delas participam ou para os que estão ao redor, é de carência de ação coletiva. São situações de destruição da biosfera; de disputa por saídas em desastres; de corridas de países por rearmamento; de desinteresse de empresas em investir em treinamento de empregados; de engarrafamento de trânsito urbano; e muitas outras.

A disputa pela saída é um fenômeno de comportamento de massas humanas que pode ocorrer em enchentes e alagamentos, tempestades, pânicos em multidões, quebras de represas, deslizamentos de encostas habitadas, tremores de terra, ataques terroristas, abalos em edifícios etc. É situação de interesse para políticas de prevenção de acidentes e desastres coletivos.

Há diversas tensões entre democracia e seus atores, sejam indivíduos ou coletividades englobadas por coletividades mais amplas (partidos, estratos sociais e eleitores, políticos de Executivo *versus* os de Legislativo, ou os de estados *versus* os de municípios ou do poder federal). Assim, um grupo ou coletividade pode sacrificar, em prol de seus interesses, o interesse da coletividade mais ampla. É importante para o aperfeiçoamento das instituições políticas ter em mente a existência de situações deste tipo.

Nas organizações culturais, científicas, de investigação tecnológica e no setor público, há o risco de se cair em situação de *pensamento grupal* – propícia à pobreza intelectual, à caricatura dos que estão do outro lado, aos debates em forma de rixas; não à inovação e à criatividade. Para o fomento de uma cultura institucional de inovação, é importante estar alerta para o fenômeno.

Devem-se buscar soluções para as situações-problema que carecem de ação coletiva com a construção, preservação, reforma ou extinção de organizações, de normas formais,

de práticas sociais formais e de emblemas sociais formais; de normas morais; de costumes sociais, de moralidade costumeira, de crenças sociais. Para tais fins, há uma variada gama de mecanismos e instrumentos a que se pode recorrer.

Ao fazê-lo, deve-se estar alerta para a dimensão estratégica. As escolhas por parte de quem molda ou reforma instituições afetam as ações dos potenciais ou futuros usuários, que, por sua vez, afetam a eficácia ou mesmo a sobrevivência da instituição. O mesmo ocorre com muitas políticas públicas; em particular, com a política de desenvolvimento. O país precisa contemplar para onde o levarão, anos à frente, as escolhas que faz agora e as rotinas de ações realizadas nos dias presentes. Mas as melhores escolhas do que fazer agora dependem de que escolhas se quer ser capaz de fazer no futuro.

SUMÁRIO EXECUTIVO